



ESCOLA SEM PARTIDO NÃO FAZ SENTIDO

Há mais de 50 anos, diversos estudos científicos têm demonstrado que a educação é o fator que mais impacta o desenvolvimento dos países no longo prazo. Tal constatação tem feito com que o assunto ganhe cada vez mais relevância, tanto na pauta acadêmica como na agenda dos governos e da sociedade civil, principalmente por meio da crescente implementação de práticas educacionais bem-sucedidas. O Escola sem Partido, movimento que apareceu recentemente no Brasil, no entanto, vai na linha contrária dessa tendência positiva.

Em poucas palavras, o Escola sem Partido propõe que as instituições de ensino e seus docentes sejam neutros, de modo a não manifestarem seus ideários nem atuarem contrariamente aos valores das famílias dos alunos. Para alcançar esse objetivo, sugere-se a criação de mecanismos que fiscalizem e orientem as ações dos professores em sala de aula, como a implantação de cartazes na escola, lembrando-os de que não devem se posicionar em relação aos assuntos expostos. As famílias também podem agir como guardiãs da “boa educação”.

Ao analisar tais propostas, percebe-se que os pressupostos do Escola sem Partido mostram-se totalmente equivocados, principalmente porque não há como garantir a completa neutralidade dos professores. Eles precisam abordar temas que implicam mais do que opiniões, pois são resultados de estudos. As ideias de Charles Darwin, por exemplo, podem não agradar a todos, mas têm suporte científico. No caso das ciências humanas, há assuntos que permitem várias interpretações, as quais devem ser discutidas para que os alunos conheçam diferentes vertentes e escolham com qual mais se identificam. O papel do docente é

oferecer meios para os indivíduos criarem sua própria visão de forma embasada.

No ideário pretensamente neutro do programa, defende-se que a escola não deve interferir nos valores familiares. Contudo, os proponentes esquecem que as próprias famílias possuem ideias diferentes entre si. Imagine uma situação em que parte dos pais queira que o professor aborde um assunto de determinado modo e outra não concorde com isso. De que lado a instituição ficará? A escola não pode ser a continuação da sala de estar das famílias; ela precisa exercer

um papel de socialização, mostrando a complexidade e a diversidade do mundo para crianças e jovens. Claro, os pais podem e devem participar da vida escolar de seus filhos, porém num processo dialógico, que respeite a autonomia e os saberes produzidos pelos profissionais da educação.

O conjunto de ideias apresentado pelo Escola sem Partido não possui fundamentação em estudos ou políticas públicas, nem consta na agenda dos países bem-sucedidos no âmbito da educação. Obviamente, é preciso garantir a pluralidade de opiniões dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, entre eles os alunos, estranhamente esquecidos

pelo movimento.

Assim, é importante garantir uma escola com quatro características: profissionais bem capacitados e valorizados; gestão orientada por metas e melhorias contínuas no ensino; instâncias de diálogo que incluam todos os envolvidos no contexto escolar; e um clima que priorize a convivência, a tolerância às diferenças, a criatividade e a paixão pelo aprender. É exatamente essa vivacidade que a educação perderá caso o Escola sem Partido venha a se consolidar.

A INSTITUIÇÃO
DE ENSINO DEVE
EXERCER PAPEL
DE SOCIALIZAÇÃO,
MOSTRANDO A
COMPLEXIDADE E
A DIVERSIDADE DO
MUNDO A CRIANÇAS
E JOVENS.